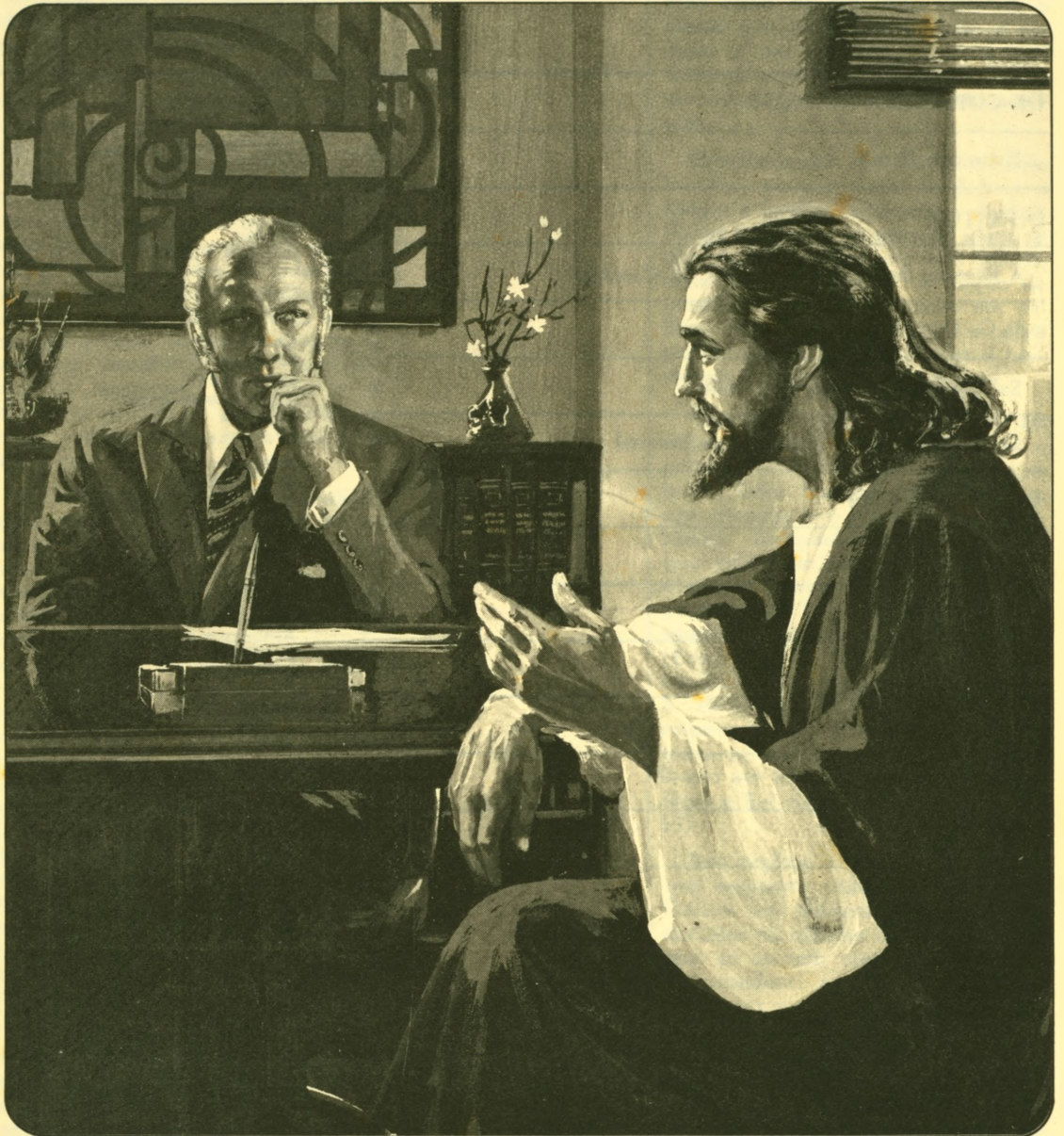


o ministério adventista



Mar/Abr 78





Mar/Abr 78
Ano 44
Número 2

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Estimado Pastor ... 3

O PASTOR

A História de Dois Homens: D. M. Canright

e A. G. Daniells 5

Salvaguardando o que é Sagrado 8

Os Acampamentos MV e a Obra Pastoral 10

ARTIGOS GERAIS

Santificação 12

Criatividade 18

O LAR DO PASTOR

Montão de Palavras 22

Carta Aberta 24

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa
Redator:
Naor G. Conrado

Diretor:
Arthur S. Valle

Colaborador Especial:
Rubén Pereyra

Colaboradores:
Enoch de Oliveira
José C. Bessa
Alcides Campolongo
Rolf Belz

Depto. de Arte:
Erló G. Köhler

Diagramação:
Edilmar Côte-Real
Francisco Marques
Wilson F. Almeida

Assinatura Anual:
Cr\$ 96,00
US\$ 6,00

Número Avulso:
Cr\$ 16,00
US\$ 1,00

Editado bimestralmente
pela Casa Publicadora
Brasileira, Av. Pereira
Barreto, 42 —
09000 - Santo André,
São Paulo.

Esta revista acha-se
registrada na DCDP do
DPF sob nº 899 — P.209/73

Todo artigo ou qualquer
correspondência
para a revista
O Ministério Adventista,
devem ser enviados para
o seguinte endereço:
O Ministério Adventista,
Caixa Postal 07-1042 —
70000 - Brasília — DF.

Estimado Pastor...

No número anterior falamos com o presidente a seu respeito. Pedimos-lhe o máximo apoio para que você, como ministro, possa ser inspirado e animado a fim de que seu ministério seja uma alegria. Permita-me apresentar-lhe agora alguns princípios que deveriam reger sua relação com o presidente ou a administração de seu campo. Ele também depende de você.

1. Você e o presidente são duas rodas do mesmo carro. Seu êxito é o da obra e, portanto, o dele também. Se ele fracassar, a obra sofrerá, e como você faz parte da obra, sofrerá também. O olho não se alegra porque se fratura uma perna ou porque há uma úlcera no estômago. Os pés, ao andar, levam consigo os pulmões, o cérebro e os dedos; se o coração parar, os pés não poderão mais andar; se falta a vista, os pés se moverão de maneira insegura. Sinta, portanto, que as aspirações, os planos e os alvos do presidente são também os seus, pois ambos fazem parte do mesmo corpo.

2. Ponha-se no lugar do presidente para sentir o que ele sente. Talvez assim lhe seja possível entendê-lo melhor. A administração não é uma tarefa fácil. Quando se tem de ser juiz e decidir qual de duas posições é correta, não é difícil granjear a antipatia de quem não foi beneficiado com o veredicto. Além disso, há uma grande diferença entre um presidente de campo e um gerente de uma firma comercial. Na empresa comercial não intervém a parte pastoral; toma-se uma decisão, e ela é executada. Com os ajustes legais tudo fica resolvido. O administrador na Obra, no entanto, representa a igreja, e, por conseguinte, suas decisões são atribuídas não somente a ele como indivíduo, mas também à igreja que representa. Isto faz com que sua tarefa seja mais delicada e difícil.

As exigências de fundos são constantes sobre a administração, especialmente nos lugares onde há um índice de crescimento mais elevado. Se se abre a mão de modo irresponsável,

Rubén Pereyra
Associação
Ministerial
da Divisão
Sul-Americana.

os recursos assim distribuídos alegrarão momentaneamente a alguns; mais tarde, porém, entristecerão a todos.

Compreenda-o também quando ele fala de alvos, esse eterno problema. Ou dos relatórios. Os alvos são necessários; denotam um objetivo, uma razão de ser. Não assustam o pastor que se dedica de todo o coração a seu trabalho. É claro que desorganização e alvos elevados, são rodas cujas engrenagens não encaixam.

Reconheçamos que há a tentação humana, no pastorado, de dedicar o pastor a tarefas secundárias, olvidando ou relegando ao segundo plano as que são talvez um pouco mais difíceis, como a evangelização. A função do presidente é manter o carro nos trilhos. O pastor que enfrenta os alvos positivamente, colaborará com o presidente e cumprirá seu ministério.

"Oxalá a vossa alma estivesse em lugar da minha" (Jó 16:4), disse o patriarca a seus amigos que estavam a seu lado, mas não compreendiam sua situação e o julgavam incorretamente. Ezequiel visitou os exilados que habitavam junto ao rio Quebar, e ao estar entre eles, passou a compreendê-los: "... e por sete dias assentei-me ali atônito no meio deles" (Ezeq. 3:15, ú. p.). Agora podia entender a experiência daquela gente. S. Paulo nos diz que o propósito da encarnação de Cristo foi que, "em todas as coisas, Se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote" (Heb. 2:17).

Isso explica o caso daquele pastor que enquanto estava na igreja manifestava seu desacordo com algumas decisões ou atitudes da administração, mas ao assumir mais tarde a função de presidente agiu da mesma forma que antes condenava: o que antes lhe parecia tão fácil e claro, apresentou-se-lhe agora em toda a sua verdadeira magnitude e seriedade. Por certo, é possível que, nalguns casos, ao assumir a administração alguém com mais co-

**De Coração
a Coração**

ragem ou visão que outro, as coisas melhorem e comece um novo dia. A empatia, no entanto, nos livrará de julgamentos injustos ou apressados. A compreensão mútua é indispensável.

3. Ore pelo presidente e pela administração de seu campo. Eles necessitam muito de seu apoio espiritual. "Orai uns pelos outros", é o conselho de S. Tiago, e acrescenta: "Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo". S. Tiago. 5:16.

4. Agora algo com respeito a sua atitude como ministro para consigo mesmo, o que sem dúvida afetará sua relação com a administração.

"Necessitamos de evitar a compaixão de nós mesmos. Nunca alimenteis a impressão de que não sois estimados como deveríeis, que os vossos esforços não são apreciados e que o vosso trabalho é demasiado penoso". — *Ciência do Bom Viver*, p. 476.

Via de regra, os que chegam a passar a linha dos cem anos de idade, são pessoas que encararam a vida com olhos otimistas. Os hipocondríacos, entretanto, vivem pouco e mal. O otimismo é um ingrediente indispensável para obter um ministério maduro e fecundo. A ele se une o espírito agradecido, que faz com que vejamos as bênçãos e não os sacrifícios. Comparemos nossa vida e experiência com a de Jesus, dos apóstolos e profetas. "A lembrança de que Jesus sofreu por nós reduza ao silêncio todo o pensamento de murmuração. Somos tratados melhor do que foi nosso Senhor". — *Ibidem*. Isto é muito certo com referência à América do Sul. A realidade é que não estamos fazendo aqui um verdadeiro sacrifício para Deus e Sua

Você e o presidente são duas rodas do mesmo carro. Seu êxito é o da obra e, portanto, o dele também. Se ele fracassar, a obra sofrerá, e como você faz parte da obra, sofrerá também.

causa, pois as condições são normais. Temos — isto sim — muitas razões para agradecer a Deus. Isso deve prevalecer.

5. Trabalhe como para Deus, e não para homens. "Porventura procuro eu agora o favor dos homens, ou o de Deus? ou procuro agradar a homens?", perguntava S. Paulo (Gál. 1:10). O verdadeiro ministro não é um empregado da organização ou da igreja, e, sim, um mensageiro de Deus. É a Ele que terá de prestar contas de seu ministério. Aquele, porém que faz o que Deus quer que ele faça, dificilmente desagradará à igreja ou à administração, pois terá frutos abundantes como resultado de seus labores!

Não pense em promoção, em escalar posições. "E procuras tu grandezas? Não as procures". Jer. 45:5. Realize fielmente seu trabalho naquela humilde igreja que lhe designaram. Sua fidelidade ali lhe trará maiores oportunidades, tanto de serviço como de êxito. Em outras palavras, sirva a Deus e aos homens, não movido por recompensas, mas pelo dever em si. As recompensas vêm quando não estamos preocupados com elas.

Os amalequitas eram vencidos quando Moisés mantinha as mãos erguidas. Quando ele se cansou, Arão e Hur sustentaram-lhe as mãos. Assim foi vencido o inimigo (Êxo. 17:10-13).

Não quererá você, como pastor, sustentar as mãos de seu presidente, para a obtenção de vitórias? Ele também lhe erguerá as mãos, pois você também precisa vencer! Lembre-se de que você e seu presidente são rodas do mesmo carro!

Pensamentos

Certa igreja recebeu um aviso da companhia que fornecia a água para a cidade, sugerindo que revisasse os encanamentos, porque havia provavelmente uma grande perda, visto que a conta da água subira de modo extraordinário.

Os fatos indicaram que embora os encanamentos pudessem estar enferrujados, o evangelismo da igreja não o estava. Havia batizado tantos conversos que a conta da água estava transbordando.

Se algum homem procura grandezas, olvide as grandezas e busque a verdade. Encontrará então a ambas. — Thomas Mann.

Um homem está perdido quando não pode definir seu presente ou planejar seu futuro. — Artur Holt.

A História de Dois Homens: D. M. Canright e A. G. Daniells

Ambos nasceram em zonas rurais e foram criados num sítio.

Ambos aceitaram a Cristo na adolescência e se tornaram adventistas do sétimo dia.

Ambos eram zelosos e diligentes, mas nenhum deles teve as vantagens educacionais que ambicionava.

Aos dezenove anos de idade, ambos estiveram bem familiarizados com o Pastor e a Sra. White.

Ambos aspiravam ao ministério, e ambos ingressaram cedo na obra ministerial.

Ambos, com suas esposas, no começo de sua experiência, passaram vários meses no lar de Tiago e Ellen White.

Ambos foram ordenados aos vinte e quatro anos de idade, ambos se tornaram evangelistas bem sucedidos e viajaram muito.

Ambos se tornaram presidentes de associações locais. Com o tempo, ambos foram membros da Comissão da Associação Geral.

Ambos receberam testemunhos pessoais no tocante a sua vida e ministério. *Um* aceitou de bom grado as mensagens de repreensão e censura e pôs a vida em harmonia com esses conselhos. *O outro* ficou agastado com a repreensão e censura, e finalmente rejeitou o Espírito de Profecia.

Um tornou-se presidente da Associação Geral, e exerceu esse cargo por vinte e um anos. *O outro* almejava ser presidente da Associação Geral, mas não foi chamado para esse cargo.

Ambos assistiram ao funeral da Sra. White no Tabernáculo de Battle Creek, em 1915. *Um* tomou parte na cerimônia. *O outro*, um ASD apostatado, sentou-se nos bancos da igreja.

Cada um deles, perto do fim de sua vida, escreveu um livro sobre Ellen G. White.

Um morreu coberto de honra; *o outro*, com bem poucos amigos, e sua morte quase não foi notada.

Arthur L. White

I. D. M. CANRIGHT

A) Antecedentes

Nasceu em Coldwater, Michigão, a 22 de setembro de 1840. Tornou-se ASD em 1859, nas reuniões realizadas pelo Pastor e pela Sra. White. Visitou a Tiago White em 1862, manifestando o desejo de ingressar no ministério. O Pastor White deu-lhe uma Bíblia e alguns diagramas, e recomendou: "Ponha-se em campo, e experimente". Foi ordenado em 29 de maio de 1865, aos 24 anos de idade.

B) Característicos

Alegre, agradável, franco, dedicado. Possuidor de considerável habilidade. Desejoso de ser bem sucedido, confiante em si mesmo. Desprezou a repreensão e a censura. Ao ser repreendido, sentia que a causa de Deus se desintegraria.

C) Altos e Baixos do Ministério de Canright

1. Em 1869, depois de um debate bem sucedido com um ministro presbiteriano, esteve prestes a abandonar a religião e a Bíblia; mas, como resultado dos esforços do presidente da Associação, que duraram a noite toda, mudou de opinião e continuou no ministério.

2. Em 1873, enquanto se achava no lar de Tiago e Ellen White, ele recebeu um testemunho a respeito de sua vida e de seu trabalho. Considerou-o demasiado severo, e dedicou-se à agricultura, na Califórnia. (Ver *Testimonies*, vol. 3, pp. 304-329.)

3. Em 1874, foi persuadido a retornar ao ministério. Labutou na Califórnia e no Este, de 1874 a 1876.

4. Em 1877 escreveu artigos para a *Review and Herald*, defendendo o Espírito de Profecia.

5. De 1878 a 1880, foi presidente da Associação Ohio. Era obreiro esfor-

O Pastor

gado e bom dirigente, mas tinha um desejo anormal de ser grande.

D) Procurando Alcançar as Estrelas

1. Em 1880 ele freqüentou a Escola de Oratória Hamil, em Chicago. Falou para 3.000 pessoas, num domingo à noite.

2. Depois da reunião, disse para D. W. Reavis, num parque: "Creio que eu poderia ser um grande homem, se não fosse a nossa mensagem impopular".

3. Reavis replicou: "D. M., a mensagem tornou-o o que é, e no dia em que a abandonar, retrocederá até onde ela o encontrou".

4. Testemunho de Ellen G. White em 15 de outubro de 1880 (*Mensagens Escolhidas*, livro 2, pp. 162-170): "Sempre tivestes o desejo do poder, da popularidade, e isto é uma das razões de vossa presente situação. ... Quisestes ser muita coisa, e fizestes uma ostentação e um ruído no mundo, e em resultado disso, vosso sol certamente se porá em obscuridade". — *ME*, livro 2, p. 163.

5. Aumentaram as dúvidas de D. M. Canright, e ele deixou de pregar.

6. Trabalhou na lavoura, em Otsego, Michigan.

7. Reconvertiu-se em 1884 e conseguiu recuperar a confiança das pessoas.

8. Foi um ministro bem sucedido em 1884-1886.

9. Declarou em novembro de 1884: "Jamais retrocederei outra vez. ... Se eu recuar novamente, estarei perdido". — *Review and Herald*, 2 de dezembro de 1884.

10. Advertido por Ellen G. White em 1886. Visão de D. M. Canright abandonando o navio. (Ver *Test. Seleto*s, vol. 2, pp. 216 e 217.) Ellen G. White perguntou: "Fraquejará todas as vezes?"

E) D. M. Canright, o Apóstata

1. Em fevereiro de 1887, rejeitou as principais doutrinas ASD e deixou a igreja.

2. Declarou que os ASD eram seus melhores amigos e prometeu que jamais os combateria.

3. Uniu-se aos batistas e foi ordenado. Deram-lhe a igreja de Otsego, Michigan. Labutou ali durante 18 meses.

4. Logo começou a falar e a escrever contra os ASD e contra Ellen G. White.

5. Na década de 1890, labutou co-

Ambos foram ordenados aos vinte e quatro anos de idade, ambos se tornaram evangelistas bem sucedidos e viajaram muito. Cada um deles, perto do fim de sua vida, escreveu um livro sobre Ellen G. White.

mo pastor da igreja batista de Grand Rapids, durante dois anos e meio.

6. Os batistas nunca o convidaram a ocupar uma posição elevada. Mantinha-se vendendo livros e trabalhando na lavoura.

7. Gostava de assistir a reuniões de obreiros adventistas. Experiência ocorrida em 1903, com D. W. Reavis. Declarou que a predição de Reavis em 1880 era correta. "Quisera poder voltar, mas é demasiado tarde!" — disse Canright.

F) Canright, o Autor

1. Em Battle Creek, em 1913, escrevendo um livro contra a Sra. White.

2. Relatório de sua secretária, Carrie Shasky: "Depois de ditar, declarava reiteradas vezes: 'Sou um homem perdido, sou um homem perdido! Ela foi uma boa mulher'".

3. Conselho a seu irmão e a conhecidos adventistas: "Nunca abandonem a mensagem".

4. Assistiu ao funeral de Ellen G. White em Battle Creek, no mês de julho de 1915. Declarou ao vê-la no caixão: "Foi-se uma nobre mulher cristã". Continuou então a escrever o livro contra a Sra. White.

G) O Sol de Canright Põe-se em Obscuridade

1. Acidente em janeiro de 1916, na igreja batista. Caiu no porão. Ossos fraturados. Quase morreu. Os tratamentos prestados no Sanatório de Battle Creek restituíram-lhe a saúde até certo ponto.

2. Morou com a filha em Hillsdale, Michigan, e concluiu o livro contra a Sra. White em 1918.

3. Faleceu em 12 de maio de 1919, na pobreza e com bem poucos amigos. Sepultado em Otsego, Michigan.

4. Profecia feita em 1880: "Vosso sol certamente se porá em obscuridade".

5. E foi o que aconteceu.

II. ARTUR G. DANIELLS

A) Antecedentes

1. Nasceu em Iowa, a 28 de setembro de 1858.

2. Seu pai era médico, e faleceu enquanto prestava serviço na Guerra de Secessão.

3. Sua mãe desposou um fazendeiro, em segundas núpcias. A. G. Daniels cresceu numa fazenda.

4. Aos 12 anos de idade tornou-se adventista do sétimo dia.

5. Frequentou o Colégio de Battle Creek em 1875-1876. Teve de encerrar os estudos no outono de 1876, por motivo de doença.

6. Casou-se com Ellen Hoyt, e ambos lecionaram numa escola.

7. Ao assistir a reuniões de avivamento dirigidas por E. W. Farnsworth, em Iowa, julgou ter sido chamado para o ministério. Tinha leve defeito de articulação.

8. Ofereceu-se para trabalhar na Associação de Iowa. Foi rejeitado.

B) A. G. Daniells, o Ministro

1. Foi para o Texas e trabalhou como chefe de tenda, com o Pastor Kilgore.

2. Em 1878-1879, o casal White passou seis meses no Texas. A. G. Daniells e esposa estiveram em sua casa. Ambos auxiliaram e observaram.

3. Trabalhou em Iowa (1880-1886). Ordenado em 1882, aos 24 anos de idade.

4. Primeiro missionário à Nova Zelândia (1886-1890).

C) A. G. Daniells, o Administrador

1. Eleito presidente da Associação Australiana (1892).

2. Completamente inexperiente, mas foi aconselhado por Ellen G. White e W. C. White.

3. Recebeu muitos testemunhos. "Às vezes o auxílio prestado veio sob a forma de severa repreensão da Sra. White. Asseguro-vos que isto não era agradável ao coração natural. Mas eu não ousava rejeitar o conselho, e ao estudar e orar, e ao submeter o coração a Deus, advinha-me luz à mente e coragem ao coração, e sempre nova ajuda em minhas tarefas".

4. Em Battle Creek, na sessão da Associação Geral em 1901, recomendou insistentemente que fosse atendido o apelo de Ellen G. White para reorganização da Associação Geral. Disse ele: "Se andarmos na luz que temos, ... Deus nos dará mais luz".

D) A. G. Daniells, Presidente da Associação Geral

1. Ao ser reorganizada a Associação Geral, A. G. Daniells foi escolhido para dirigir a Igreja. Ocupou o cargo de presidente da Associação Geral durante 21 anos (1901-1922).

2. **Característicos.** Como administrador, era cortês, agradável, firme, alegre, mas não jovial. Tinha a dignidade e o porte de um general. Seu

Um morreu coberto de honra; o outro, com bem poucos amigos, e sua morte quase não foi notada.

"Deus escolheu o Pastor Daniells para assumir responsabilidades, e prometeu habilitá-lo, por Sua graça, a efetuar a obra que lhe foi confiada".

trabalho administrativo revelava decore, profundo discernimento e amplo planejamento.

3. **Atitude para com o Espírito de Profecia.** Ellen G. White declarou: "Deus escolheu o Pastor Daniells para assumir responsabilidades, e prometeu habilitá-lo, por Sua graça, a efetuar a obra que lhe foi confiada. ... O Pastor Daniells é um homem que tem demonstrado a veracidade dos testemunhos. E tem sido leal aos testemunhos. Ao verificar que divergia deles, esteve disposto a reconhecer seu erro e a vir para a luz. ... O Senhor tem repreendido o Pastor Daniells quando tem errado, e ele tem manifestado a determinação de colocar-se ao lado da verdade e da justiça, e de corrigir seus erros. ... Sei que o Pastor Daniells é o homem certo no lugar certo". — Ellen G. White, *Carta 255*, 1904.

4. Manteve-se em estreita ligação com Ellen G. White, sempre buscando e apreciando os conselhos dados por ela. Considerava-os seguros. Houve sucesso em seu trabalho e expansão da Igreja.

E) Derradeiros Anos de Ministério

1. Em 1922 ele tornou-se secretário da Associação Geral.

2. Organizou a Associação Ministerial.

3. Passou os últimos anos na Califórnia. Foi presidente da Mesa Administrativa do Colégio de Evangelistas Médicos, da Pacific Press e do Patrimônio Literário de Ellen G. White.

4. Escreveu o livro *Abiding Gift of Prophecy*, no qual ele relata suas experiências em conexão com a Sra. White.

5. No leito de morte atribuiu seu êxito à lealdade aos conselhos do Espírito de Profecia.

6. Mencionou a experiência relacionada com a crise de 1903, quando, depois de passar a noite em oração, foi-lhe dada a certeza: "Se permaneceres ao lado de minha serva até que o seu sol se ponha num céu luminoso, estarei a seu lado até a última hora do conflito". Deus cumpriu esta promessa.

7. A. G. Daniells faleceu em 22 de março de 1935. Está sepultado em Forest Lawn, Glendale, Califórnia.

"Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros; crede nos Seus profetas, e prosperareis". II Crôn. 20:20.

Salvaguardando o que é Sagrado

É possível, creio, que mesmo em meio de um fecundo ministério que nos mantenha ocupados com a esmerada realização de muitas coisas, percamos gradualmente o senso do que é sagrado. Talvez aconteça que adotemos imperceptivelmente uma forma mundana de pensar. Também é possível que nossos cultos sofram paulatinamente uma alteração em seu caráter, até a oração tornar-se perfunctória, a pregação uma prática intelectual ou de entretenimento, e a hora passada em conjunto nada mais que um bom desempenho e uma boa comunhão, ao se haver reunido novamente o "Clube" Cristão. Então não somos mais ministros do evangelho, mas funcionários eclesiásticos.

Quão remotas são essas possibilidades? Afirmo que elas de maneira alguma são remotas; avultam como ameaças avassaladoras na vida de cada ministro à medida que o século vinte se aproxima de seu fim. Na verdade, a menos que estejamos cientes das forças que querem secularizar o ministério e estejamos constantemente de prontidão para salvaguardar o caráter sagrado de nossa vocação, cairemos, com as melhores intenções, na cilada do secularismo. Há dois aspectos que requerem consideração: as pressões que tendem inevitavelmente a secularizar o ministério, e as sugestões para superá-las.

Que vivemos numa época secular é um truismo. O que enfrentamos é algo mais pavoroso do que movimentos teológicos radicais como a fantasia do "Deus está morto" da década de 1960 ou mesmo o clero cristão que não acredita mais na divindade de Jesus Cristo ou na vida após a morte. Antes, o que temos de enfrentar é uma tendência cultural, uma onda na história das idéias. Essa tendência, essa onda pode ser resumida na expressão *o homem auto-suficiente*. Deparamos aí com uma filosofia que é totalmente humanística: a razão do homem é o supremo critério da verdade, e sua tecnologia deve dominar o Universo.

As filosofias que têm colocado o ho-

W. G. Johnsson
Professor-Associado
do Novo
Testamento
na Universidade
Andrews

mem diretamente no centro têm uma longa história. Nossa época, porém, certamente é diferente no sentido em que o homem tem substituído a Deus no pensamento. Por duzentos anos — desde o Iluminismo — o Ocidente afastou-se de um conceito sobre o mundo que sustenta a necessidade ou mesmo a possibilidade do sobrenatural. No século vinte — esta era de incrível exploração e descoberta, em que o homem deixou pegadas no pó lunar e venceu antigos inimigos da saúde — ele jamais pareceu exercer tão grande domínio sobre o seu universo. Conforme disse certo escritor, a Divindade despedaçou-se, e nós somos os pedaços.

O Desafio de Fora e de Dentro

Nossa época secular tende a corroer o caráter sagrado do ministério em duas frentes: de fora e de dentro.

De fora, existe a atração da cultura que procura explicar e julgar o trabalho do ministro de um ponto de vista meramente humano. A sociologia, a psicologia e a antropologia querem penetrar nos recessos interiores da experiência cristã e apresentar "explicações" da conversão, do Espírito e da pregação. Não discordamos das ciências em si mesmas; nossa preocupação é que sejam reconhecidas as suas *limitações*, de modo que os ministros não sejam levados a pensar que o que estão realizando é inteiramente explicável pelo método "científico". Semelhantemente, no tocante à questão de quão bem sucedida é a obra do ministro, corremos o risco de adotar critérios para avaliar a nós mesmos e outros ministros. Nossa sociedade tem as vistas voltadas para o êxito, e é inevitável que isto exerça alguma influência sobre o ministério. Como avaliar, porém, o "êxito" dos ministros? Será única ou principalmente sob o aspecto de rígidos dados estatísticos: número de pessoas batizadas, dólares ou cruzeiros arrecadados?

Por mais graves que sejam as pressões de fora para conduzir-nos à secularização, as de dentro são as mais funestas. O que deparamos aqui é a idéia que o ministro tem de si mesmo — como compreende a si próprio e seu trabalho como ministro. Consideremos, por exemplo, a questão do êxito. Deve o ministério ser encarado como uma série de degraus, de maneira que o ministro que "está subindo" passe consecutivamente de uma pequena igreja para outra maior, até ocupar finalmente um cargo administrativo?

Que diremos do homem que labuta durante quarenta anos em pequenas igrejas rurais — deve ele considerar-se fracassado?

Naturalmente, o conceito que o ministro tem de si mesmo está inextricavelmente ligado a sua opinião a respeito da igreja. De um ponto de vista meramente humano, a igreja é uma instituição sujeita a todas as leis e defeitos de outras organizações humanas. (Na realidade, um estudo da história da igreja pode ser bastante desalentador!) O ministro, durante seus anos de serviço, enfrenta o perigo de tornar-se céptico. Ele vê como alguns homens "progridem" no ministério, e como talvez alguns de seus colegas de estudo no seminário "subiram de posto". Poderá perder gradualmente a confiança em seus colegas de ministério e encarar a igreja sob o aspecto de política e manobras para chegar ao poder.

O que estamos considerando certamente é fundamental para o ministério. Quando se apaga a luz, quando se extingue o fogo, quando o serviço degenera em servilismo, tudo está perdido. O ministro não passa então de um funcionário eclesiástico. Vagrosa e imperceptivelmente ele foi arrebataado pela maré do secularismo.

Que Podemos Fazer?

Como podemos evitar que ocorra essa tragédia em *nosso* ministério? Como podemos preservar o elemento vital no ministério — aquilo que é sagrado? Estas sugestões poderão ser úteis:

1. **Preservando o fator do mistério.** "Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo, e despenseiros dos mistérios de Deus" — diz o apóstolo Paulo em I Coríntios 4:1. Há uma profunda verdade em suas palavras, a saber, que o trabalho do ministro cristão sempre deve abranger uma dimensão transcendente. Rodolfo Otto, em *The Idea of the Holy*, usa uma expressão pitoresca para descrever a Divindade: *Mysterium tremendum*. Nosso trabalho envolve constantemente o que é sobrenatural e sempre constituirá um mistério para a humanidade — o próprio Deus!

Tenho a opinião de que devemos examinar constantemente nossos pensamentos a fim de resistir à maré secular. Precisamos fazer frequentemente estas perguntas a nós mesmos e analisá-las com franqueza: a) Que estou fazendo que não poderia ser efe-

As filosofias que têm colocado o homem diretamente no centro têm uma longa história. Nossa época, porém, certamente é diferente no sentido em que o homem tem substituído a Deus no pensamento.

tuado pelo homem auto-suficiente? Que é distinto em meu ministério? b) Como encaro a mim mesmo — como funcionário eclesiástico, ou como despenseiro dos mistérios de Deus? c) Deus está no centro, na periferia, ou ausente do meu ministério?

2. **O ministério da Palavra.** Em Atos 6:4 há uma impressionante exposição do conceito dos apóstolos sobre o ministério: "Quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da Palavra". Significativamente, o conselho final de Paulo a Timóteo ecoa este pensamento: São as Escrituras que tornam o homem de Deus "perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (II Tim. 3:16 e 17).

O preparo moderno dos ministros requer que eles obtenham conhecimentos sobre administração, psicologia, conselho pastoral e sociologia. Em vista da natureza da época em que vivemos, com o extraordinário aumento do conhecimento e a crescente complexidade do papel desempenhado pelo pastor, é deveras apropriado que seja ministrada semelhante instrução. Mas é preciso fazer uma advertência: O ministro é mais *do que* um administrador, conselheiro ou assistente social? Certamente ele corre o risco de não ser nada mais do que isso, desenvolvendo assim um ministério secularizado.

Que, então, é *singular* em seu preparo e ministério? Não é o que os apóstolos chamam de "ministério da Palavra"? Isto significa que o ministro é alguém cuja vida e serviço devem estar baseados na Palavra, e ser nutridos e informados por ela. É em virtude da Palavra que ele *prega* (e não somente preleciona ou entretém), *evangeliza* (e não somente realiza atos de persuasão das massas), *pastoreia* (e não somente dá conselhos), e *serve* (não trabalhando meramente para uma organização).

Enfrentemos a dura realidade: Todo ministro que constantemente negligencia o estudo pessoal da Palavra não pode comunicar essa Palavra. Tudo o que ele comunica não corresponde ao plano de Deus para ele, e estará a caminho de um ministério secularizado.

3. **Dependência do Espírito.** Escrevendo aos conversos em Corinto, Paulo declara o seguinte acerca da modificação em seu estilo de vida e como isso foi efetuado: "Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados, em o nome do Senhor Jesus

Cristo e no Espírito de nosso Deus". I Cor. 6:11. O próprio Jesus referiu-Se ao papel desempenhado pelo Espírito, dizendo: "O que é nascido da carne, é carne; e o que é nascido do Espírito, é espírito". S. João 3:6.

Como ministros cristãos, precisamos negar enfaticamente o conceito do homem auto-suficiente. Nós o negamos pela humanidade em conjunto — todos necessitam de salvação unicamente pela graça — e o negamos em nosso trabalho. Devemos lembrar-nos constantemente de que as coisas espirituais se discernem espiritualmente (I Cor. 2:14) e que só pelo Espírito Santo pode o homem realmente chamar a Jesus de "Senhor" (I Cor. 12:3). Temos de implorar diariamente a Deus que o nosso ministério seja dotado de poder pelo Espírito Santo.

4. Ardente solicitude pela humanidade. Atos 10:38 sintetiza o ministério do Mestre nestas palavras: "Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, O qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com Ele".

Muitos assistentes sociais não sentem, porém, profunda solicitude pela humanidade? Não pode o homem secular envolver-se em atos humanitá-

Quando se apaga a luz, quando se extingue o fogo, quando o serviço degenera em servilismo, tudo está perdido. O ministro não passa então de um funcionário eclesiástico.

rios? Não negamos essas duas possibilidades, mas afirmamos o caráter singular do ministério cristão: ele é desempenhado segundo o modelo e pelo poder dAquele que não veio para ser servido, mas para servir (S. Mar. 10:45), dAquele que não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo (Filip. 2:5-11).

Com semelhante motivação, o ministério cristão jamais poderá degenerar em fazer horas, coligir dados para um relatório, ou em extorquir dinheiro. Permanecerá glorioso com a vida de Jesus, o Amigo e Ajudador da humanidade.

O mistério (Deus), a Palavra, o Espírito Santo e o serviço abnegado — a centralidade desses elementos nos protegerá contra os perigos da secularização do ministério. Então sere-mos capazes de ensinar nossas congregações a distinguir entre o santo e o profano (Ezeq. 44:23). E estaremos em condições de guiá-las à mais elevada atividade do gênero humano: a adoração. Então não avaliaremos nosso êxito pela espécie de território a que somos chamados a labutar, mas preservaremos o caráter sagrado das funções que nos foram designadas.

Os Acampamentos MV e a Obra Pastoral

Havíamos chegado à última noite do acampamento. Os jovens se preparavam para o descanso. Era uma tépida noite que convidava à meditação. Sentado junto aos restos da fogueira, pensava no que haveria de significar aquela semana na vida dos acampantes, quando de improviso me interrompeu a presença de Pedro.

Alexandre Bullón
Secretário
Departamental
dos MV da
Associação
Central-Peruana

— Pastor — disse ele — quero falar com o senhor.

Fiz com que se assentasse no velho tronco que escapara do fogo, e me dispus a ouvi-lo.

— Pastor — repetiu, mas desta vez falou-lhe a voz, e ele baixou a vista e começou a chorar.

Pedro tinha dezessete anos e muita ânsia de viver. Tinha sido um dos ra-

pazes mais inquietos do acampamento, mas ainda assim não conseguira esconder esse ar de tristeza, talvez de fracasso, que refletia nos olhos.

Coloquei o braço sobre os seus ombros, para reconfortá-lo, e deixei que chorasse.

— Pastor — disse ele ao ficar mais calmo dentro de pouco tempo — procurei falar com o senhor durante a semana, mas não tive coragem para fazê-lo. Esta noite, porém, termina o acampamento, e creio que depois será muito mais difícil.

A conversação que ocorreu em seguida foi uma das mais belas entrevistas pastorais de que tenho lembrança. Até então Pedro tinha sido um rapaz que fugia dos pastores que procuravam aproximar-se dele. Filho de pais adventistas, havia crescido na igreja e era cristão por costume; nunca tivera, porém, um encontro pessoal com Jesus. Aos doze anos adquirira o vício secreto, e eram já cinco anos de miserável escravidão. Sem dúvida, Pedro necessitava da ajuda de Deus, mas necessitava também do apoio de um conselheiro. Tinha medo de seus pais, fugia dos pastores e evitava os adultos, para que ninguém o descobrisse.

Naquela semana de acampamento, rompeu porém todo convencionalismo. Começou a ver no Pastor não somente o sacerdote de movimentos solenes, mas também o amigo e conselheiro que se confundia com ele nas brincadeiras, nos passeios, nas fogueiras e em outras atividades próprias de um acampamento. Esse foi o começo de uma nova experiência para Pedro.

Decorreram vários anos depois de tudo isso, e tenho pensado sempre de que maneira os acampamentos podem ajudar o ministério do Pastor.

Amiúde se corre o risco de pensar que um acampamento é um simples período de folga ou de saída ao campo.

“Meus jovens precisam de recreação cristã” — pensamos. E organizamos um acampamento. Em casos extremos, pode ser até que alguns pensem que um acampamento é uma distração do valioso tempo que, como pastores, necessitamos para atender nosso atarefado programa anual. Conquanto seja verdade que os acampamentos provêem recreação fortalecedora e vigorante, tanto para o corpo como para a mente, o principal propósito deles é ensinar aos jovens como relacionar-se melhor com Deus.

Amiúde se corre o risco de pensar que um acampamento é um simples período de folga ou de saída ao campo.

Por outro lado — e é isso que pretendo realçar neste artigo — que melhor oportunidade que um acampamento para que o Pastor possa conhecer os jovens de seu distrito? Uma semana de convivência com eles no campo ou na praia, é uma ocasião incomparável para realizar o trabalho pessoal mais eficaz com cada rapaz. Nas horas de descanso depois do almoço ou antes do jantar, ou enquanto se corta a lenha para a fogueira da noite, ou durante os grupos de oração no culto matutino, ou talvez na hora das atividades manuais — há sempre um pouquinho de tempo para ir conhecendo o verdadeiro comportamento de cada jovem. E é nesses momentos de convivência humana, sem gravata e sem camisa branca, que o coração dos moços está sempre pronto a abrir-se para o diálogo franco. Não, uma semana de acampamento nunca será uma semana perdida se o Pastor souber aproveitar cada minuto, cada ocasião para o trabalho pastoral!

Eis algumas sugestões:

1. INCLUA UM ACAMPAMENTO EM SEU PROGRAMA ANUAL. Não espere que o departamental planeje um acampamento para sua igreja ou distrito. Inclua um acampamento em seu plano de trabalho. Se o secretário departamental dos MV puder estar presente, muito bem; se não, avante! Não olvide que um acampamento faz parte de seu trabalho pastoral e deveria ser incluído em seu plano de trabalho, assim como a recolta, a campanha da Semana Santa ou de Mordomia. Deveras? Efetivamente, e vejamos por quê.

2. APROVEITE TODA OPORTUNIDADE PARA O TRABALHO PESSOAL. Aí está a questão. Seu acampamento não somente deveria ter o propósito de prover recreação saudável para os jovens, mas deveria significar também uma intensa semana de trabalho pastoral. Aproveite toda oportunidade para diálogos. É necessário estar à expectativa, buscando a oportunidade. Pode ser que durante a hora livre, enquanto todos estão em grupos, Roberto se encontre sozinho, deitado na relva; deite-se perto dele, com naturalidade, como se estivesse cansado e também quisesse descansar, e entabule o diálogo como se fosse ao acaso, evitando formalidades. Ou, talvez, na hora do trabalho, João esteja lutando por partir um tronco; ajude-o, e entre a bulha e as machadadas, vá iniciando o diálogo. É assombroso, mas ficará admirado ao conhecer novas facetas de João que não teria chegado a co-

nhecer de outra maneira, e que no futuro o ajudarão a compreendê-lo. Geralmente é assim que se chega ao coração dos jovens. Alguns deles são "jovens difíceis", que sempre estão causando problemas na igreja e que evitam qualquer diálogo com o Pastor. O acampamento, no entanto, derruba a barreira, abrandando as tensões próprias da cidade, e podemos aproximar-nos dos jovens sem que eles o percebam. Mais de um abrirá assim o coração sem reservas a seu Pastor.

O Pastor é posto em sua igreja para pastorear as almas. Grande parte de seu tempo é empregada na visitação, e às vezes nunca chega a visitar certo tipo de jovens aos quais é possível alcançar num acampamento. Por isso, inclua um acampamento em seu plano de trabalho e torne-o não somente um acampamento recreativo, mas também um acampamento pastoral.

3. ORGANIZE BEM O ACAMPAMENTO. Este é o segredo da realização da obra pastoral durante o acampamento. Forme comissões, delegue responsabilidades, leve junto consigo

Seu acampamento não somente deveria ter o propósito de prover recreação saudável para os jovens, mas deveria significar também uma intensa semana de trabalho pastoral.

irmãos de experiência no trabalho com os jovens, os quais sem dúvida terão grande prazer em colaborar com o Pastor. Na medida do possível, mantenha-se livre e brinque com os rapazes, ande com eles, coma com eles, cante e ria com eles ao redor da fogueira. Mas não poderá fazer nada disso se tiver que estar fazendo as compras, revisando as barracas e buscando lenha, ao mesmo tempo; por isso, organize bem o acampamento, determine que o programa seja variado e cheio de corido e aventura, fazendo com que o acampamento se torne inolvidável, porque existe o perigo de que, por efetuar trabalho pastoral, se debilite o programa característico do acampamento; e então não teremos realizado devidamente nenhuma das duas coisas.

Agora, prezado Pastor, aceite o desafio. Inclua um acampamento MV em seu próximo plano de trabalho, se ainda não o fez, e ponha em prática algumas das idéias mencionadas. Verá que isso é belo, e seu ministério será enriquecido por uma experiência agradável e positiva.

Santificação

Santificação é dar glória a Deus, glorificá-Lo em nosso corpo, isto é, em nossa vida moral, em nosso viver diário, em nossa conduta social. Santificação é levar uma vida santa que esteja repleta do amor de Deus. Em que consiste a beleza e o segredo da santidade? E qual é a relação entre a santificação, a justificação e a reconciliação?

Paulo declara: "Não sois de vós mesmos; porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo".

A reconciliação de Deus no sacrifício de Cristo na cruz requer nosso coração, nossa vontade, nossa fé, a fim de que Ele possa conceder-nos a justificação. Entretanto, o propósito da justificação é a santificação! Deus nos salva a fim de restaurar em nós

Hans K. LaRondelle
Professor de Teologia na Universidade Andrews.

Artigos Gerais

Sua imagem moral como era originalmente.

Cristo é indiviso. Ele não oferece perdão como um primeiro dom isolado. Ele Se oferece a Si mesmo, e não somente o perdão. Não somos chamados para concentrar nossos sermões no assunto da justificação ou da santificação, mas no Cristo vivente, em Seu incomparável amor e nos benefícios que Ele nos concede. Recebemos justiça ou santidade recebendo a Cristo (*O Maior Discurso*, p. 23). Ele é nossa mensagem, nosso padrão, nosso exemplo, nossa salvação; e é o mesmo ontem, hoje e eternamente.

Em Levítico 11:44, disse o Senhor para o antigo Israel: "Sereis santos, porque Eu sou santo". E no Novo Testamento, Pedro escreveu para os cristãos: "Segundo é santo Aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque Eu sou santo". I S. Ped. 1:15 e 16. Como cristãos, adoramos e servimos ao Deus de Israel, de Isaque e de Abraão.

Servimos o mesmo Deus santo que

no princípio criou o homem à Sua própria imagem santa, e que instituiu o sábado para a comunhão do homem com Deus; o mesmo Deus santo que tirou Israel do Egito para lembrar-se de santificar o dia de sábado; o mesmo Deus que deu a Israel a santa lei e o evangelho em figura. A este Deus, Jesus chamou de Seu Pai e afirmou então: "Quem Me vê a Mim, vê o Pai". Jesus era reconhecido pelos demônios como "O Santo". Ele era santo. Não conheceu pecado, mas sabia tudo a respeito do amor, da compaixão, da abnegação e da perfeita obediência ao Pai celestial, mesmo até à morte. Preferiu morrer a desobedecer. Declarou: "Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai". S. João 15:10. Santidade e pecado são diametralmente opostos. Não há um terreno neutro entre eles. Se não somos santos, se não nos entregamos a Cristo e se não somos dominados por Ele, o maligno não tem dificuldades para entrar no coração e torná-lo perverso. Ellen G. White afirma: "Sem ... santidade o coração humano é egoísta, pecaminoso e corrupto". — *Testimonies*, vol. 2, p. 445.

A santidade é o mais fundamental dos atributos de Deus. As Escrituras tornam-na, portanto, o requisito inalienável e predominante de nossa adaptação à vida eterna. Lemos em Hebreus 12:14: "Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor".

Certa vez, na rua, um homem interpelou o grande pregador Moody, dizendo:

— Por que recomenda que deixemos de fumar? A Bíblia não requer isso para a nossa salvação.

Moody pensou um pouco, e disse então:

— Está certo. Mas o último livro da Bíblia nos adverte de que jamais penetrará na Nova Jerusalém "coisa alguma contaminada" (Apoc. 21:27).

Santidade ou santificação *não é uma opção!*

Jesus prometeu: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus". S. Mat. 5:8.

A fim de levar uma vida santa, precisamos ter primeiro um coração santo, pois a "santidade de coração produzirá ações corretas" (2T, 445). Também nos é declarado que a falta de espiritualidade e santidade conduz à prática de atos injustos, bem como a inveja, ódio, ciúme, ruins suspeitas e a todo pecado detestável e abominável.

Cristo é indiviso. Ele não oferece perdão como um primeiro dom isolado. Ele Se oferece a Si mesmo, e não somente o perdão.

Davi, rei de Israel, descobriu que até mesmo os dirigentes da causa de Deus e exemplos do rebanho não são santificados uma vez por todas. Ele sofreu uma grande queda moral que abrangeu o adultério, o assassinio premeditado e a ocultação de tudo isso. Mas Deus é santo, e revelou o que ocorreria. Em Sua misericórdia, Ele enviou o profeta Natã para despertar a consciência adormecida de Davi, o qual acordou com um sobressalto, e se arrependeu no pó e na cinza. Tão sincera foi a sua tristeza por esses pecados que ele fez uma confissão pública no Salmo 51. Aprendemos aí que Davi implorou a Deus alguma coisa mais do que simplesmente o perdão: "Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova dentro em mim um espírito inabalável. Não me repulses da Tua presença, nem me retires o Teu Santo Espírito. Restitui-me a alegria da Tua salvação, e sustenta-me com um espírito voluntário". Sal. 51: 10-12.

É necessário poder criador, o poder de Deus, para transformar o coração humano e para converter um pecador egocêntrico num santo! Constitui um milagre da graça que o Santo Deus de Israel, o Criador do Céu e da Terra, Se deleite em habitar no coração arrependido, como se fosse um templo.

"Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, O qual tem o nome de santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos, e vivificar o coração dos contritos". Isa. 57:15.

Como podemos receber então a beleza da santidade e manter a alegria da santidade?

Santidade é mais do que não pecar, mais do que perdão, mais do que moralidade. Santidade é uma pessoa, a Pessoa de Deus, de Jesus Cristo e do Espírito Santo.

Qual é, portanto, o segredo da santidade? Ellen G. White dá uma bela resposta: *Aceitar a Cristo como Salvador pessoal e seguir o Seu exemplo de abnegação* (SDABC, vol. 6, p. 1.117). Que resposta simples! Mas, ao mesmo tempo, quão profunda e prática!

Isso é o evangelho em sua plenitude. Cristo jamais perdoou uma pessoa sem reivindicá-la como sendo Sua, para uma nova vida com Ele. Para os escribas e fariseus hipócritas que certa vez Lhe trouxeram uma mulher surpreendida em adultério, perguntando se deviam apedrejá-la de acordo com a ordem de Moisés, Jesus replicou:

“Aquele que dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro que lhe atire pedra”. Quando todos eles já se haviam retirado, Cristo disse para a mulher soluçante: “*Nem Eu tampouco te condeno; vai, e não peques mais*”. S. João 8:11.

Isso é santidade em amor. Aceita a sincera contrição com amor perdoador, mas também restaura e habilita. Jesus concedeu àquela mulher justificação e santificação, perdão e poder, salvação e respeito próprio.

Ellen G. White declara que essa mulher arrependida tornou-se um dos mais firmes seguidores de Cristo, retribuindo-Lhe a perdoadora misericórdia com abnegado amor e devoção. “No erguimento dessa alma caída, operou Jesus um milagre maior do que na cura da mais grave enfermidade física; curou a moléstia espiritual que traz a morte eterna”. — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 347.

O Genuíno Arrependimento Opera uma Reforma

Em Jericó, Cristo deteve-Se sob um sicômoro, olhou para o surpreso semblante de Zaqueu, o desprezado chefe dos cobradores de impostos, e disse: “Zaqueu, desce depressa, pois Me convém ficar hoje em tua casa”. S. Luc. 19:5.

Enquanto a multidão murmurava, dizendo que Jesus Se hospedara na casa de um homem pecador, Zaqueu se arrependia de seus pecados e iniciava a reparação dos danos que causara ao povo. Em seu amor e lealdade ao Mestre recém-encontrado, prontificou-se a fazer uma confissão pública de seu sincero arrependimento. Disse ele na presença da multidão: “Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais”. S. Luc. 19:8. Jesus replicou: “Hoje houve salvação nesta casa, pois que também este é filho de Abraão. Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido”. S. Luc. 19:9 e 10.

A primeira reação de Zaqueu diante do amor de Cristo foi manifestar compaixão a seus semelhantes que padeciam necessidade. Isso é santificação. Lemos em *O Desejado*, p. 413: “Não é genuíno nenhum arrependimento que não opere a reforma”.

A justificação e a santificação acham-se tão inseparavelmente ligadas como os dedos e a mão. A fé que atua pelo amor é a plenitude do evangelho.

Perfeito amor é o significado dessa

A santidade é o mais fundamental dos atributos de Deus. As Escrituras tornam-na, portanto, o requisito inalienável e predominante de nossa adaptação à vida eterna.

difícil palavra de Jesus em S. Mateus 5:48: “Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste”. Em seu próprio contexto está a chave para decifrar o segredo dessa ordem, que é ao mesmo tempo uma grandiosa promessa:

“Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque Ele faz nascer o Seu Sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos. Porque se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? não fazem os publicanos também o mesmo? E se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? não fazem os gentios também o mesmo? Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste”. S. Mat. 5:43-48.

Podeis ver como é nosso Pai celestial? Seu amor é *imparcial*: Ele ama tanto os bons como os maus. Incompreensível? Sim, mas é verdade. Temos um Deus que causa surpresas! Seu nome é Maravilhoso! E o Pai quer ver Seu perfeito amor por nós refletido em todos os Seus filhos, não só futuramente, no Céu, mas AGORA, em meio das trevas de ódio e violência neste mundo! Ele nos convida a ser a luz do mundo, de modo que este veja novamente como é Deus. Devemos considerar todos os homens, até os que nos perseguem, como candidatos ao Céu.

O sentido final da ordem de Jesus em S. Mateus 5:48, não é portanto a justificação, mas a vida santificada, o caráter divino.

“Cumpramos ser centros de luz e bênção para o nosso pequeno círculo, da mesma maneira que Ele o é para o Universo. Nada temos de nós mesmos, mas a luz de Seu amor resplandece sobre nós, e devemos refletir-lhe o fulgor. ‘Bons na bondade que Ele nos empresta’, podemos ser perfeitos em nossa esfera, da mesma maneira que Deus é perfeito na Sua”. — *O Maior Discurso de Cristo*, pp. 68, 69.

Precisamos compreender que por nós mesmos não podemos romper com os nossos pecados. Não podemos salvar ou santificar a nós mesmos. Se, porém, escolhermos a Cristo como o legítimo Mestre de nossa vida quando Ele bate à porta de nosso coração, e se Lhe entregarmos as rédeas de nossa vida, estaremos imediatamente do lado vitorioso, pois Ele Se manifestou

“para destruir as obras do diabo” (1 S. João 3:8). Disse Jesus: “*Tende bom ânimo, Eu venci o mundo*”.

Muitos cristãos crêem em Cristo apenas como Salvador da culpa e como Alguém que quase só oferece perdão. Há bem pouca alegria, poder e vitória em sua vida. Temos, no entanto, de vencer ou ser vencidos! Cristo passou pelo caminho que nos compete percorrer. Não há outra maneira de vencermos o próprio eu, o mundo e o diabo, do que a maneira pela qual Cristo venceu todas as tentações. Mas Ele o fez por nós, tanto como nosso Representante como nosso Exemplo. Jesus confiou na sabedoria e no poder de Seu Pai. Não consentiu com o pecado nem por um só pensamento, porque foi habilitado para a batalha pela presença do Espírito Santo em Seu íntimo. E o fato fundamental é que podemos vencer, *porque* Ele venceu.

Sua vitória poderá ser nossa, se a reclamarmos em Seu nome. O que necessitamos acima de tudo é unir-nos com Ele pela fé. “Enquanto a Ele estivermos ligados pela fé, o pecado não mais terá domínio sobre nós. Deus nos toma a mão da fé, e a leva a apoderar-se firmemente da divindade de Cristo, a fim de atingirmos a perfeição de caráter”. — O Desejado de Todas as Nações, p. 87.

Só poderemos ser vitoriosos se permaneceremos unidos a Cristo como o ramo está ligado à videira. Então até mesmo os sofrimentos por amor a Cristo serão agradáveis.

Como isso pode ocorrer em nossa vida? Qual é nossa parte na santificação? Ela é efetuada unicamente pela fé, ou pela fé e as obras? Jesus responde em S. João 15: “*Permanecei em Mim, e Eu permanecerei em vós. . . . Porque sem Mim nada podeis fazer. . . . Se permanecerdes em Mim e as Minhas palavras permanecerem em vós, perdireis o que quiserdes, e vos será feito. Nisto é glorificado Meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis Meus discípulos*”. Vs. 4, 5, 7 e 8.

Permanecemos em Cristo *da mesma maneira* como nos unimos a Ele no princípio: pela fé — fé viva e genuína que se apodera de Cristo.

Paulo diz em Gálatas 5:6 que a fé atua pelo amor. Semelhante fé não precisa ser completada pelas obras porque já está operando. Fé genuína jamais é simples crença, mas sempre uma fé que atua e que se manifesta por meio de arrependimento e de obediência a Deus. Nossa parte con-

É necessário poder criador, o poder de Deus, para transformar o coração humano e para converter um pecador egocêntrico num santo!

siste em exercer semelhante fé! Como? Pensemos neste conselho:

“Coisa alguma é aparentemente mais desamparada, e na realidade mais invencível, do que a alma que sente o seu nada, e confia inteiramente nos méritos do Salvador. Pela oração, pelo estudo de Sua Palavra, pela fé em Sua constante presença, a mais fraca das criaturas humanas pode viver em contato com o Cristo vivo, e Ele a segurará com mão que nunca a soltará”. — *A Ciência do Bom Viver*, p. 182.

Esta é a prerrogativa da vida cristã: abrir diariamente o coração a Cristo, até ficarmos repletos d'Ele e do Espírito Santo!

Notai como o apóstolo Paulo passa imediatamente da justificação para a santificação, ao escrever em Gálatas 2: “Nós temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo. . . . Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si mesmo Se entregou por mim”. Vs. 16, 19 e 20.

Viver esta vida de fé em Cristo é o privilégio de todos nós, mesmo dos mais fracos. Aqui não há motivo para sentimentos de santidade em nós mesmos ou para sentimentos de confiança própria. Com efeito, precisamos ser salvos principalmente *de nós mesmos*, para que Cristo e Seu Espírito brilhem com mais clareza. Os que pertencem a Cristo crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências (Gál. 5: 22-24).

Quando Cristo Se torna nosso Senhor e Mestre, a luta contra o próprio eu apenas começou. O velho homem é crucificado *legalmente* na histórica cruz de Cristo e declarado morto, mas *na realidade empírica* nosso velho eu ainda está vivo. Por isso, somos exortados a manter a velha natureza subjugada pelo poder do Senhor (Efés. 6:10). “Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões”. Rom. 6:12; cp. Col. 3:3 e 5.

Todo cristão tem de aprender a reprimir suas paixões e a agir movido por princípios. A menos que o faça, não é digno do nome de Cristão.

Nem todos têm exatamente a mesma luta renhida contra o próprio eu, segundo se evidencia nesta citação: “Embora alguns sejam constantemente apouquetados, afligidos e perturbados

por causa de seus desditosos traços de caráter, tendo de batalhar contra inimigos internos e contra a corrupção de sua natureza, outros não têm de batalhar contra metade de tudo isso". — *Testimonies*, vol. 2, p. 74.

Com os apóstolos, cremos, porém, na habitação de Cristo em nosso íntimo, livrando-nos de cair: "Aquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da Sua glória". S. Jud. 24.

Cremos na vitória! Cremos que Cristo vencerá! Satanás já é um inimigo derrotado. Mas cremos também que nossa vontade não pode por si mesma fazer isso. Cristo não efetua o combate em nós se não realizarmos a nossa parte. A Escritura nos admoesta em Filipenses 2:12 e 13: "*Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a Sua boa vontade*".

Paulo fala aí a crentes redimidos que já tinham sido salvos. Evidentemente, porém, ele não acredita no rífto popular: "Uma vez salvo, salvo para sempre". Exorta-nos a desenvolver diligentemente nossa futura salvação, mas no temor do Senhor. Por quê? Porque o nosso coração carnal disputa constantemente a supremacia. Nem por um instante podemos estar desprevenidos.

"Não há um impulso de nossa natureza, nem uma faculdade do espírito ou inclinação do coração, que não necessite de achar-se a todo instante sob a direção do Espírito de Deus". — *Patriarcas e Profetas*, p. 441.

É por isso que o apóstolo Paulo morria diariamente. "Sua vontade e seus desejos lutavam cada dia com o dever e a vontade de Deus". — *A Ciência do Bom Viver*, p. 452. Em vez de seguir, porém, as inclinações de seu coração, ele fazia a vontade de Deus. Todos temos de empenhar-nos nesta batalha. Ninguém pode pelear em nosso lugar. Satanás é um inimigo poderoso. Temos, porém, um General onipotente: o Príncipe Emanuel. Talvez percamos uma batalha, mas ganharemos a guerra. Esta é a promessa das grandiosas profecias apocalípticas. Na vida santificada experimentamos um estranho dualismo em nosso coração, porque o crente renascido possui duas naturezas. Com Paulo, ele exclama cada dia: "Desventurado homem que sou!" Mas simultaneamente, confessa com fé: "Graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor". Rom. 7: 24 e 25.

Cristo jamais perdoou uma pessoa sem reivindicá-la como sendo Sua, para uma nova vida com Ele.

A Mensagem de S. Tiago 2

Os que se entusiasмам com a justificação pela fé, mas afirmam que o slogan: "*Sola fide*" ("unicamente pela fé"), da Reforma, denota uma fé no que é abstrato, uma fé por si mesma, não compreendem os reformadores nem o apóstolo Paulo. Deus nos deu a preciosa Epístola de S. Tiago, o irmão de Jesus, para livrar-nos de uma interpretação unilateral da justificação pela fé.

"Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo? . . . Assim também a fé, se não tiver obras, por si só está morta. . . Não foi por obras que o nosso pai Abraão foi justificado, quando ofereceu sobre o altar o próprio filho, Isaque? Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou, e se cumpriu a Escritura, a qual diz: Ora, Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça; e: Foi chamado amigo de Deus. Verificais que uma pessoa é justificada por obras, e não por fé somente. De igual modo, não foi também justificada por obras a meretriz Raabe, quando acolheu os emissários e os fez partir por outro caminho? Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta". S. Tia. 2:14, 17 e 21-26.

A fé que não atua pelo amor é morta; é "nada" (I Cor. 13:2). A fé que somente reconhece a verdade intelectualmente, é o que até os demônios têm, e não constitui uma boa recomendação.

Tiago se preocupa com a verdadeira natureza da fé: sua natureza religiosa — com uma fé que mantém viva ligação com Deus. A fé que não atua pelo amor não merece receber esse nome.

Se o nosso conceito da justificação pela fé ou *sola fide* não se harmoniza com S. Tiago 2:24, violamos as Escrituras!

Ellen G. White comenta o seguinte sobre S. Tiago 2:

"A pretensa fé que não atua pelo amor e não purifica a alma, não justificará a pessoa alguma". — *SDABC*, vol. 7, p. 936.

"Para que o homem conserve essa justificação, tem de haver obediência contínua, mediante ativa e viva fé que opera por amor e purifica a alma". — *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, p. 366.

"A fim de que o homem seja justificado pela fé, esta tem de chegar ao ponto em que controle as afeições e

impulsos do coração; e é pela obediência que a própria fé se aperfeiçoa". — *Ibidem*.

Essa era também a convicção de Calvino. Este grande reformador escreveu em sua obra *Institutes of the Christian Religion*:

"Não imaginamos uma fé destituída de boas obras nem uma justificação que subsista sem elas. ... Por que, então, somos justificados pela fé? Porque pela fé nos apoderamos da justiça de Cristo, pela qual, unicamente, somos reconciliados com Deus. Mas não é possível apoderar-se dela sem apoderar-se ao mesmo tempo da santificação. Pois Ele [Cristo] 'se nos tornou ... sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção' (I Cor. 1:30). Cristo não justifica, portanto, a pessoa alguma que ao mesmo tempo não seja santificada por Ele. Tais benefícios são ligados por um vínculo eterno e indissolúvel, de modo que Ele redime os que ilumina com Sua sabedoria; justifica os que são por Ele redimidos; e santifica aqueles a quem justifica". — Vol. III, 16, 1.

A Glória Crescente

Por que o semblante de tantos cristãos é destituído da glória de Deus, e por que eles levam uma vida tão infeliz, medíocre e inferior? É assim que tudo começou e terminará? Tudo findará como começou: *em glória*, em genuíno poder, glória e regozijo pentecostal. Lemos em Apocalipse 18:1 que mais uma vez um poderoso anjo descera do Céu à Terra para unir seu poder ao dos três Anjos de Apocalipse 14. A profecia descreve esse acontecimento dizendo que *toda a Terra se iluminou com o seu esplendor!*

Esse é o futuro da Mensagem do Advento! Marchamos para o esplendor! Como podemos apressar esse dia? O apóstolo Paulo nos mostrou o caminho em II Coríntios 3:18: "E todos nós com o rosto desvendado, *contemplando ... a glória do Senhor*, somos transformados de glória em glória, na Sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito".

Paulo compara o glorioso semblante do cristão com o rosto de Moisés, que resplandecia quando ele desceu do monte. Moisés não o soube por si mesmo, mas a glória desceu sobre ele por haver estado com o Senhor quarenta dias e quarenta noites. Vira a glória do Senhor, segundo o pedido que fizera a Deus: "Rogo-Te que me mostres a Tua glória". E Deus concedeu-lhe o que pedira de acordo com a sua fé.

Ellen G. White declara que essa mulher arrependida tornou-se um dos mais firmes seguidores de Cristo, retribuindo-Lhe a perdoadora misericórdia com abnegado amor e devoção.

Quando os israelitas viram o deslumbrante fulgor de Deus no rosto de Moisés, "temeram chegar-se a ele" (Êxo. 34:30). Moisés não pôde compreender isso, pois viera trazer-lhes uma agradabilíssima nova.

Por que eles temeram essa glória de Deus ou de Moisés — a glória da graça divina? Porque ainda sentiam a culpa do pecado. E a culpa produz medo! Se estivessem em harmonia com Deus, o brilho no rosto de Moisés "tê-los-ia enchido de alegria" (*Patriarcas*, 339). "Na Tua presença há plenitude de alegria". Sal. 16:11. Eles pediram que Moisés colocasse um véu sobre o rosto! Que reação vergonhosa! O homem pecaminoso que transgride a lei de Deus quer permanecer inaltrado.

Em Cristo tem aparecido maior glória do que a de Moisés e a da lei. Temos contemplado Sua glória, declaram os apóstolos. Mas desejamos realmente ver a Jesus e contemplar-Lhe a glória? Semelhante santidade aterrorizará nosso coração pecaminoso. Mas aqueles que dia a dia O contemplam persistentemente, sem encobrir as Escrituras, serão transformados à Sua semelhança! E ao contrário da glória no rosto de Moisés, cujo esplendor diminuiu gradualmente, o cristão que contempla diariamente a face de seu Mestre obterá *crescente glória!*

Isso é andar com Deus como Enoque com Ele andou. Essa é a experiência dos 144.000. É o que necessitamos agora!

PENSAMENTOS

Os primeiros discípulos foram pescadores de homens, ao passo que alguns discípulos modernos são freqüentemente nada mais que cuidadores de aquários.

⊙

Quando você não pode dormir à noite, fale com o Pastor e deixe de contar as ovelhas. — *Nazarene Preacher*, outubro de 1964, p. 11.

⊙

Nenhum alvo é alto demais se escalarmos com cuidado e confiança.

Criatividade

Este trabalho é apresentado em forma de esboço, a fim de destacar mais facilmente as partes que o compõem. O tema contém um material de alto valor prático, que pode ajudar o obreiro evangélico em sua necessidade de desenvolver uma mente criativa.

I — Necessidade de uma Mente Criativa

1. Em geral andamos nas pegadas dos pensamentos alheios.

a) Levamos a cabo idéias e planos que não nos pertencem.

b) Seguimos rotineiramente nossas atividades, com seus reais costumesiros.

2. Necessita-se de homens com idéias novas e *praticáveis*, mas não raras e exóticas.

Exemplo: O do menino que soube dar uma idéia feliz. Um caminhão alto ficou preso ao passar debaixo de uma ponte. Não havia modo algum de mobilizá-lo. E já iam começar a tirar a carga para depois cortar a parte superior da carroceria, quando um menino que havia estado observando o problema sugeriu ao motorista que antes de mais nada procurasse soltar um pouco de ar dos pneus, e que talvez assim baixasse toda a altura do caminhão. A princípio o menino foi repellido e despedido do lugar. Mas depois, pensando melhor, os homens puseram em prática a idéia do menino, a qual deu bom resultado. O caminhão despreendeu-se, e no primeiro posto de serviço o motorista tornou a inflar os pneus, e continuou seu caminho.

a) Atravessamos uma crise de substância cinzenta.

b) Carecemos de idéias novas, originais ou combinadas com algumas já existentes.

c) Uma escassa minoria pensa, decide e cria para os demais.

— Fazemos parte de uma sociedade massificada.

— Avulta a mentalidade de rebanho.

d) Todos podemos desenvolver o espírito criativo.

3. Novos Tempos com Novos Pensamentos.

a) Os dias melhores que anelamos para a obra de Deus requerem

Henrique Chaij
Diretor do
Programa de Rádio
e Televisão:
“Uma Luz no
Caminho”.

idéias renovadoras, que estimulem vontades e dêem origem a novas formas de ação: uma ação entusiasta e santificada pelo Espírito de Deus.

b) Não podemos conformar-nos em ser meros reprodutores do que outros dizem e fazem. Não podemos depender somente do velho material acumulado em nosso arquivo profissional.

II — A Observação, Primeiro Passo Para a Criatividade

1. A observação perspicaz e demorada do que nos rodeia desenvolve o discernimento, o espírito crítico e a capacidade de pensar em coisas novas.

a) Às vezes, observando o mais insólido e insignificante, podem-se descobrir fatos valiosos ou fontes de novas e melhores realizações.

— Por exemplo, a observação de uma simples gota de água, de um gesto espontâneo ou de um mero anúncio publicitário, quanto pode dizer-nos e quanto pode estimular nosso pensamento!

2. Utilidade da Observação.

a) Graças a ela conhecemos o mundo exterior e o nosso próprio.

b) Tomamos conhecimento das verdadeiras necessidades (nossas e alheias), e a partir daí podemos iniciar com êxito nossa ação criativa.

— Tendo visto a necessidade, não se deve retroceder até encontrar o modo de supri-la.

c) Por não observar o homem em suas motivações (e, portanto, desconhecendo-o), podemos cometer graves erros em nosso esforço por conduzi-lo ao Salvador.

3. A Observação da Publicidade.

a) A análise minuciosa das diversas formas de publicidade pode atear a centelha criativa, ou pelo menos dar-nos — talvez melhor que qualquer outra coisa — uma percepção da criatividade alheia.

b) Toda boa expressão publicitária encerra um pequeno mundo de psicologia e de imaginação, a serviço de grandes interesses. O mundo de hoje se move pela publicidade. A opinião pública, que toda empresa (inclusive a igreja) procura dominar e que é muito difícil de conquistar, é dominada principalmente pela publicidade.

c) Notar as palavras, os semblantes, os objetos, as cores, o tipo de letra e os diversos elementos combinados que integram qualquer forma

de publicidade, procurando descobrir:
Por que foi feita deste modo?
A quem é dirigida?
Causa um impacto ou não?
Que impressão produz?
É capaz de vender ou não?
Esta análise nos submergirá num mundo novo. E na próxima vez que tivermos de fazer alguma espécie de propaganda, não erraremos por ingenuidade. Perguntaremos, pensaremos e forcaremos nosso cérebro, para criar algo diferente e "ousado".

III — A Imaginação, Centelha da Criatividade

1. Todos somos imaginativos (uns mais que outros).

a) Continuamente desfilam por nosso cérebro imagens mentais de coisas próximas ou distantes, boas ou más, presentes ou futuras. Porém, embora nossa mente não se detenha em sua atividade, sua produção realmente original não é abundante.

2. Por meio da imaginação, podemos descobrir caminhos novos de soluções e novos métodos de trabalho.

a) Caso do capataz de uma fábrica de Sheffield, Alabama, o qual propôs a idéia acertada para deslocar uma pesada máquina, a uns 8 metros de distância. Os engenheiros não sabiam como mover semelhante peso. Mas esse capataz, Roberto McDonald, comprou 110 kg de bananas e as espalhou debaixo da máquina, que previamente havia levantado alguns centímetros com um macaco hidráulico. O resto da tarefa foi fácil. Simplesmente empurrar e fazer com que a máquina resvalasse sobre o solo, sem atrito algum. A ninguém havia ocorrido que esse trabalho, que parecia "impossível", poderia ser feito tão facilmente com a ajuda de bananas.

3. A imaginação deve ser alimentada e fomentada cada dia. Jamais deve descansar. Do contrário ocorre a preguiça mental e o atrofiamento criativo.

4. Consideremos estes casos sobressalentes:

a) Jaime Watts observou o movimento da tampa de uma chaleira com água fervendo, e descobriu o poder do vapor, tornando-o assim o precursor da locomotiva a vapor.

b) Isaac Newton viu cair uma maçã da árvore, e descobriu as leis da gravitação universal.

c) Galileu Galilei observou a oscilação de uma lâmpada na igreja, e mais tarde descobriu a lei do pêndulo.

Continuamente desfilam por nosso cérebro imagens mentais de coisas próximas ou distantes, boas ou más, presentes ou futuras.

d) Tomás A. Edison imaginou, investigou, perseverou e até fracassou inúmeras vezes, mas graças a isso tornou-se um dos cérebros criativos mais destacados de todos os tempos.

e) Fernando de Lesseps, engenheiro francês, certa vez teve de suportar uma tediosa quarentena no Mediterrâneo. Na coberta do navio imaginou e concebeu a idéia de construir o Canal de Suez, cuja execução lhe deu fama mundial.

f) Benjamim Tilgman observou em seus dias como os vidros dos faróis marítimos ficavam opacos por efeito de fortes ventos que lançavam areia contra eles. Resultado: Imaginou e criou um aparelho para lançar jorros de vapor, ar e areia com tal força, que podiam tornar opacos diversos tipos de vidro. Em 1870 vendeu parte de sua patente por 400.000 dólares.

g) E a lista poderia tornar-se quase interminável, indicando sempre o mesmo: que a observação concentrada de um problema ou de um fenômeno natural ou acidental pode dar origem a uma extraordinária imaginação criativa.

— Aplique-se este princípio à experiência do obreiro cristão, e note-se quantas oportunidades lhe oferece a Providência para conceber novas idéias de ação.

IV — A Leitura, o Estudo e as Viagens, Alimento da Criatividade

1. A importância da leitura, realizada não por obrigação, mas com o desejo de absorver e reter.

a) Importa mais quanto fica na mente, do que quanto se lê.

2. A leitura e o estudo devem ser acompanhados pelo hábito de comparar, contrastar e completar o material lido, com a informação que já se possui.

a) A combinação de idéias produz novas idéias.

3. Sempre se deve buscar informação de fontes comuns e não comuns. Conhecer o que outros desconhecem; investigar o que outros passam por alto.

a) Isto dará originalidade ao pensamento.

4. Por certo, ninguém é totalmente criativo.

a) "Nada há novo debaixo do Sol". Criamos com base no que outros fizeram ou disseram antes.

5. Ter hábitos de estudo, saber escolher a leitura, saber o que deve ser rejeitado. Tal discernimento intelectual.

tual é outro valioso auxiliar da mente criativa.

6. As viagens feitas com mente aberta e sem preconceitos expandem o pensamento, apresentam novas imagens e despertam o gosto pelo que é novo.

a) Constituem um modo de aprender a sair da rotina.

b) Uma só viagem ao exterior, bem aproveitada, pode modificar a mentalidade do viajor.

V — A Meditação, Forja Sagrada da Criatividade

1. No bulício soem nascer idéias superficiais e de pouco valor.

a) É no silêncio e nos momentos de reflexão serena que o pensamento se torna fecundo e surgem as melhores idéias.

b) Os pesquisadores, cuja função é descobrir e criar, passam longas horas a sós e em silêncio.

c) O próprio Jesus buscou o silêncio da noite porque, entre outros motivos, necessitava meditar e elaborar Seu programa de ação para o dia seguinte.

2. Os momentos de solidão evitam as interferências e as interrupções e favorecem a concentração mental.

a) Quando a sós se acaricia um pensamento inovador, convém insistir nele até dar-lhe forma e descobrir sua possível utilidade. Em tal momento deve-se impedir que a mente divague.

b) Mas o silêncio e a solidão requerem um lugar adequado, um escritório ou uma residência com o máximo isolamento possível, a fim de assegurar uma maior concentração e uma elaboração mais aprimorada das idéias.

3. A meditação não é êxtase estéril. É atividade mental produtiva.

a) Abrange a autoanálise e o descobrimento das maneiras de suprir toda necessidade pessoal.

b) Inclui obrigar a mente a pensar em algo para algo, isto é, com um sentido prático. As idéias impraticáveis, por mais fascinantes que sejam, são destituídas de todo valor.

VI — A Boa Saúde, Terreno Propício Para a Criatividade

1. O bom estado físico assegura uma melhor atividade mental.

a) Necessidade de preservar a saúde física por todos os meios possíveis.

A leitura e o estudo devem ser acompanhados pelo hábito de comparar, contrastar e completar o material lido, com informação que já se possui.

— Isto abrange

- (a) prevenir a enfermidade
- (b) adotar bons hábitos de vida
- (c) cultivar a vida social
- (d) descansar o necessário cada dia.

b) Os neurônios não funcionam bem se o corpo está cansado. A mente deve conservar-se fresca e descansada para que retenha sua capacidade criativa.

2. O bom estado psíquico e emocional também se reveste de enorme importância.

a) O equilíbrio do juízo, a dureza de critério, bem como um otimismo dominante decidem a espécie de sentimentos e de sentimentos que serão acolhidos pela mente.

b) O desânimo, o temor, a dúvida e a falta de confiança própria são inimigos da criatividade.

3. A boa saúde espiritual promove a sã criatividade.

a) Paz interior, consciência tranqüila, uma vida totalmente entregue a Deus e a Seu serviço.

VII — A Oração, o Poder da Criatividade

1. As idéias, os planos e os empreendimentos de maior mérito provêm de Deus.

a) O Senhor aviva o pensamento e o habilita a criar.

b) Portanto, precisamos viver em permanente contato com Ele.

2. A oração assegura a saúde mental e a boa qualidade das idéias.

a) Deus é o Criador, e para criar devemos pedir Sua ajuda.

3. Os grandes homens de Deus, que abriram novos caminhos na obra da igreja, foram homens de oração. Assim é até hoje.

a) A mente se torna improdutiva ou é invadida por pensamentos impróprios, se não a pomos sob a constante direção de Deus.

b) Mas é uma fonte de ilimitada bênção quando o Senhor a dirige.

c) E quando a mente parece estancada, e não dá à luz novas idéias, a quem recorreremos em busca de ajuda, senão a Deus? Notemos esta promessa: "Se... algum de vós necessita de sabedoria (inclusive criatividade), peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida". S. Tia. 1:5.

VIII — A Recompensa da Mente Criativa

1. O ato de criar proporciona uma alegria íntima e diferente.

a) As crianças se deleitam muito mais com as coisas simples que elas mesmas fazem do que com os custosos e complicados brinquedos que lhes são dados de presente, mas com os quais não podem criar nada.

b) Isso também ocorre com os adultos.

c) O próprio Deus sentiu uma grande satisfação depois de Sua obra criadora (Gên. 1:31).

2. Copiar o que fazem os outros ou continuar a rotina costumeira não produz satisfação. Essa rotina cansa e não estimula.

a) Saber criar é, pois, um modo de combater a monotonia da vida.

— Exemplo: O pregador que apresenta sermões originais sente prazer em sua pregação e inflama a gri.

3. A criatividade mantém a mente fresca e maleável.

a) A pessoa que aprende a criar retarda a época de seu envelhecimento.

b) Tal pessoa nunca se torna antiquada, porque sabe acompanhar o transcurso do tempo e as novas modalidades da vida.

c) Quem cria, cresce com suas próprias idéias (desenvolvimento intelectual, agilidade mental).

4. A obra do criador é premiada por sua transcendência.

a) Deixa uma esteira de bênção para outros.

b) Não vive em vão. Enquanto a maioria vê os problemas e se aflije com eles, o criador se esforça por encontrar uma solução.

Conselhos Práticos Sobre o Tema

1. Não se apaixone por suas próprias idéias.

2. Aceite as boas idéias dos outros.

3. Não se detenha com uma primeira idéia boa. Aperfeiçoe-a; critique-a.

4. Cresça mentalmente cada dia.

5. Procure, investigue, compare, e detenha-se com o melhor.

6. Tenha vontade de criar. Desenvolva seu próprio modo de expressar-se e de atuar.

7. Deixe assentar suas novas idéias

As idéias impraticáveis, por mais fascinantes que sejam, são destituídas de todo valor.

antes de transmiti-las publicamente.

8. Não esmoreça ante o primeiro fracasso. Os maiores inventores fracassaram inúmeras vezes.

9. Lembre-se de que o pior dos problemas pode dar-lhe a oportunidade de criar uma grande solução para si mesmo e muitos outros, durante muitos anos.

10. Examine-se com esta pergunta: Qual tem sido a maior criação de minha vida? Sua resposta lhe dirá se é ou não uma pessoa criativa.

NOSSA ORAÇÃO:

“Ó Senhor, dá-me neste dia alguma idéia nova, algum recurso novo para servir-Te melhor. Ou então, que saiba aproveitar com renovado entusiasmo o que já tenho e conheço. Porém, se for necessário, ajuda-me a sair do trilho conhecido, para empreender um caminho melhor. Dá-me a graça de ver o bem que outros olham com desdém. Concede-me idéias boas e práticas que possa partilhar com alegria. Desperta e santifica as faculdades de minha mente. Que Teu Espírito controle cada célula de meu cérebro. Quero com humildade fazer grandes coisas para Ti. Ajuda-me a crescer diariamente na renovação do meu entendimento, para Tua honra e glória, e para ser um valioso instrumento de Teu poder. Amém”.

PENSAMENTOS

Poucas vezes uma pessoa é atraída para Deus sem primeiro ser atraída para alguém que dá bom testemunho a Seu respeito.



Israel construiu o templo e sentia-se tão orgulhoso por ele que chegou talvez a olvidar seu conteúdo. Foi necessário que o templo fosse destruído.



O problema com a maioria de nós é que preferimos ser arruinados pelo elogio a ser salvos pela crítica.

— *The Link*, fevereiro de 1974, p. 64.

Montão de Palavras

— Oh, querido, olhe para o seu rosto imundo! — disse uma jovem mãe a seu filhinho de quatro anos que passou rapidamente pela cozinha, preocupado com os seus brinquedos.

— Não posso!

A resposta foi breve, prática e concreta. O menino não podia ver o rosto imundo, nem precisava fazê-lo. A mãe era seu espelho. Ela sempre lhe dizia qual era sua aparência.

Bem poucas mães compreendem que servem de espelhos: espelhos verbais. Bem poucas vislumbram o montão de palavras ao lado do espelho ou suas prováveis proporções. Uma palavra hoje, uma frase amanhã, um autêntico e bem merecido sermão na semana seguinte — e assim as palavras vão-se acumulando! As palavras certas não causarão nada, mas a maneira como são proferidas determinará o formato e feitiço desse montão.

A atmosfera de afeto, a atitude de reconhecimento, o abuso ou a negligência no lar acentuam o foco até que toda criança em idade pré-escolar que se dirige para o jardim da infância ou a primeira série leva consigo uma fotografia de si mesma, assinada, selada e autenticada pela mãe. Essa fotografia é o seu conceito próprio.

Na realidade, a mãe não é a única pessoa a formar esse conceito na criança. No entanto, estes pensamentos são dirigidos para ela como o fator principal, com a esperança de que também sejam lidos por um pai interessado no assunto.

O conceito próprio pode ser definido com mais acerto perguntando: Qual é sua opinião a respeito de si mesmo? Reconhecidas autoridades em psicologia e desenvolvimento infantil indicam que esse conceito pode ser bom ou mau, verdadeiro ou falso; nunca é estático, geralmente é formado pelas influências e atitudes dos pais e de outras pessoas, é revelado na análise de certas situações e determina o comportamento.

As mães anelam uma notável receita que assegure bom e controlável comportamento — alguma medida mágica que influa sobre a conduta de seus

Margery Wilson

filhos, dirigindo-os para alvos meritórios, ou mantendo, pelo menos, os móveis em bom estado de conservação.

Consideremos as observações sobre o comportamento que avolumam o montão de palavras:

“Você é tão mau! Por que não pode ser bom?”; “Você nunca limpa o quarto. Suas roupas estão sempre tão sujas!”; “Você será igualzinho ao tio”; “Será que você nunca aprende? Quantas vezes já lhe disse que não procedesse dessa maneira?”

Joãozinho olha de soslaio no espelho ao lado desse montão de palavras. Ele vê um menino mau, rebelde, desleixado, sujo, meliante e estulto — um reflexo desalentador e potencialmente delinqüente. Esse quadro determina sua maneira de agir. E a mãe não sabe o que fazer com Joãozinho . . .

É possível alterar essas observações de modo a refletirem uma imagem que denote um desenvolvimento animador? Eis algumas sugestões: “Oh, como você é cheio de energia!” “Você é um bom menino, mas quando faz o que é errado, precisa ser castigado”; “Parece que você novamente teve dificuldade em permanecer limpo”; “Você será igual a seu admirável pai”; “Você pode aprender a fazê-lo. Eu o ajudarei”; “Esqueceu-se novamente do que eu lhe disse?”

Esse menino retrata a si mesmo como bom e ativo, e que às vezes confunde o bem com o mal. É-lhe assegurado que pode aprender, e que com o tempo será uma admirável pessoa como seu pai.

As palavras constituem o instrumento-padrão usado pelos pais para influenciar a conduta dos filhos. Outros meios eficazes, como sorrisos, manifestações de afeto, cooperação sincera, etc., ajudam a remover a dificuldade em muitos lares. As mães receiam que se dispensem as repreensões e o uso da vara, os problemas não se dissiparão. Os problemas se afiguram mais importantes que as pessoas.

A mãe talvez supere a dificuldade, mas a situação da criança não será favorável se o reflexo que ela vê no espelho ao lado do montão de palavras é confuso, indistinto, deturpado ou deficiente. Seu conceito pessoal determinará seu comportamento. Esse comportamento variará de acordo com o aumento da distorção ocasionado por outras imagens, desalentos ou suposições projetadas.

Vivemos numa época em que os governos, as empresas comerciais e as

O Lar do Pastor

igrejas avaliam sua imagem. Eles improvisam métodos e mudam de técnica a fim de melhorar essa imagem determinante e alcançar assim os seus objetivos. Pode a "empresa" fundamental e de longo alcance da paternidade estar menos preocupada com a imagem de seu produto, que se espera funcione durante 60 ou 70 anos, sem necessitar de reparos?

Se tendes interesse em formar um bom conceito pessoal em vosso filho, não precisais dispensar a disciplina. A mãe conserva sua posição como rainha do lar. A disciplina é modificada e aperfeiçoada, e são estudadas novas técnicas para evitar problemas. Muitos disciplinadores autoritários não sabem que a disciplina excessiva bem como a condescendência deturpada podem produzir desalento, delinquência e derrota.

Consideremos o caso da pequena e tímida Betty, que sempre achou difícil agradar à mãe.

— Pensei que a senhora queria que... — ela gaguejava, procurando explicar sua deficiência em cumprir as especificações exatas.

— Você pensou? — gritou a mãe exasperada, dando uma bofetada no rosto da menininha. E acrescentou:

— Não lhe compete pensar, mas fazer o que eu mando!

A mãe lançou mais algumas idéias no montão de palavras dessa cena repetida freqüentemente. Betty formou um quadro confuso de si mesma. As ordens dadas pela mãe eram ambíguas, e as tarefas indicadas estavam além das possibilidades da criança, mas requeria-se que as realizasse com perfeição. A mãe não admitia explicações pelos erros cometidos, e não elogiava os trabalhos efetuados com esmero, pois não desejava correr o risco de "estragar" sua filhinha.

Betty notava como a mãe errava nas costuras que fazia, tendo de rasgar, costurar novamente, fazer perguntas, tentar outra vez. Essa senhora estava negando à filha algo que ela mesma necessitava: a oportunidade de aprender.

A impaciência revelada nas maneiras da mãe, o tom ríspido de sua voz e o tapa desumano faziam com que as palavras dissessem: "Betty, você não é importante. Você é estulta. Suas idéias não valem nada. Sua explicação é inútil. Você não é uma pessoa, mas somente uma máquina destinada a efetuar determinadas tarefas. Arraste-

As palavras constituem o instrumento-padrão usado pelos pais para influenciar a conduta dos filhos.

se no chão, e eu a dominarei!"

E foi isso exatamente o que a pequena Betty fez ao ir para o jardim da infância, aos seis anos de idade. Ela rastejou em seu íntimo, acalentando um espírito de rebelião e ocultando sua culpa por odiar a mãe. Almejava não ser notada por pessoa alguma. Era afligida pelo receio de tudo que fosse novo: professores, outras crianças, etc. Não estava diretamente a caminho da má conduta, mas seu retraimento constituía um sinal de advertência.

A professora achava que Betty era quieta e bondosa, mas a menina tinha medo de não ser boa. Se a professora não elevava a voz, Betty seguia suas instruções. Mas não conseguia recitar, e as atividades criadoras independentes só lhe causavam perturbação. Tinha receio de agir por si mesma. Assumia uma atitude indiferente.

Suas idéias não eram importantes no espelho da mãe. Não perdeu a confiança em si mesma, pois não se pode perder algo que nunca se possuiu!

A essa altura, Betty não necessitava de compulsão para aprender o abecedário ou a fazer contas, e, sim, para livrar-se do espelho de sua mãe — o falso conceito de si mesma. Precisava julgar-se uma pessoa digna e com suficiente capacidade para enfrentar qualquer coisa que surgisse. Necessitava de uma atitude confiante para satisfazer a esses novos reclamos do aprendizado. Precisava libertar-se da preocupação com o que a mãe faria em seguida.

Betty claudicou durante o tempo em que esteve na escola. Uma ou outra professora perspicaz elevou-lhe o ânimo mediante esforço e atenção adicionais. Cheia de apreensões, ela ingressou finalmente na universidade, onde sua extraordinária diligência e inteligência superaram sua hesitação.

Hoje essa jovem senhora pode ser considerada um sucesso em sua profissão. Ela, porém, nunca se *sentiu* bem sucedida. A despeito de suas realizações, seu espírito descamba até o nível do espelho ao lado do montão de palavras de sua mãe.

Jamais chegareis a saber realmente o que vossos filhos contemplam em vosso espelho. Sua conduta pode proporcionar alguns indícios. Quereis polir o espelho, melhorar a focalização, realçar o conceito que eles têm de si mesmos? Examinai então aquele montão de palavras!

Carta Aberta

Caro Pastor Distrital:

Está na ordem do dia o Serviço Pró-Lar e Família, atividade caçula da Igreja Adventista. Talvez esteja pensando que isto significa um trabalho a mais para você, mas gostaria de provar-lhe o contrário e que o resultado é compensador.

SEMANA PRÓ-LAR E FAMÍLIA. — A maior parte dos problemas tem a sua origem nos lares. Certo? Se você dedicar uma semana por ano a fim de tratar de assuntos referentes à família em cada igreja do seu distrito, como foi planejado desde 1977, verá com alegria que o número de problemas decrescerá. “O Meu povo perece por falta de conhecimento”, é dito em Oséias 4:6. Ao estudarmos, analisarmos e esclarecermos estes temas, grande parte da igreja seguirá a orientação da Palavra de Deus e da Pena Inspirada. O Espírito de Deus está movendo os corações, e um real reavivamento está acontecendo em muitos corações, cumprindo a profecia: “. . . e converterei o coração dos pais aos filhos e dos filhos a seus pais”.

FILHOS DO REI. — Sugerimos a formação de um Grêmio constituído de jovens maiores de 15 anos, com o objetivo de receberem orientação que os capacite a formarem lares felizes. Temos em vista três aspectos: 1) que no lar paterno mantenham as normas condizentes com o verdadeiro espírito do cristianismo, porque o que os jovens são no seu lar paterno, serão também quando constituírem o seu. 2) Jovens bem ajustados em seus lares paternos têm maiores possibilidades de também serem felizes no casamento. 3) Serão dadas instruções mostrando a face real do matrimônio e as vantagens, alegrias e implicações que ele traz. Os três aspectos acima resultam não só num bom relacionamento entre a família, mas também para com Deus, capacitando-a para o encontro com Jesus.

Seria bom que houvesse duas reuniões por mês em dia e horário pré-estabelecidos. Espera-se que a totalidade dos jovens as freqüente. É aconselhável a comissão da igreja escolher um casal para liderar esta atividade — que tenha boa aceitação por parte dos jovens, que tenha capacidade para dar orientações e que seja respeitado por todos em virtude de sua vivência cristã. Nessas reuniões o tema pode ser apresentado ligeiramente, dando margem para discussão e um diálogo franco e aberto para todos, a fim de esclarecer dúvidas e inquietudes, e ajudar a solucionar problemas próprios da juventude. Podem ser apresentados filmes educativos, oradores especializados em certos assuntos podem ser convidados, e vez por outra será conveniente ter reuniões em separado, quando houver necessidade de apresentar assuntos mais íntimos, só para moças e só para rapazes. Não há tempo limitado para esta orientação — portanto não é um curso, mas um preparo para o lar, que se prolongará enquanto existirem igrejas. Será uma atividade como qualquer outra, que tenha continuidade ano após ano.

Que Deus o bendiga na consecução dos nossos objetivos em favor dos lares adventistas!

Seu amigo e irmão em Cristo,

Walter J. Streithorst